

**TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 332**

**EFEITOS RECÍPROCOS ENTRE FINANÇAS E INOVAÇÃO**

**Bernard Herskovic  
Leonardo Costa Ribeiro  
Eduardo da Motta e Albuquerque**

**Maio de 2008**

Ficha catalográfica

338.06	Herskovic, Bernard.
H572e	Efeitos recíprocos entre finanças e inovação /
2008	Bernard Herskovic; Leonardo Costa Ribeiro; Eduardo da Motta e Albuquerque. - Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2008.
	26p. (Texto para discussão ; 332)
	1. Inovações tecnológicas. 2. Finanças. I. Ribeiro, Leonardo Costa. II. Albuquerque, Eduardo da Motta e. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. IV Título. V. Série.
	CDD

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL**

**EFEITOS RECÍPROCOS ENTRE FINANÇAS E INOVAÇÃO**

**Bernard Herskovic**

PUC-RJ (e-mail: bernardherskovic@gmail.com).

**Leonardo Costa Ribeiro**

Cedeplar-UFMG (lcr@cedeplar.ufmg.br).

**Eduardo da Motta e Albuquerque**

Autor responsável pela correspondência. Cedeplar-UFMG (albuquer@cedeplar.ufmg.br),  
Endereço para Correspondência: Cedeplar/FACE-UFMG, Gabinete 3069,  
Av. Antonio Carlos 6627, Belo Horizonte (MG), CEP 31270-901,  
Fone: 31-34097076; Fax: 31-34097203.

**CEDEPLAR/FACE/UFMG  
BELO HORIZONTE  
2008**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
I. NOTAS SOBRE A ARTICULAÇÃO ENTRE FINANÇAS E INOVAÇÃO .....	6
II. ESTATÍSTICAS SOBRE FINANÇAS E INOVAÇÃO .....	10
III. A CORRELAÇÃO TRI-DIMENSIONAL E OS AGRUPAMENTOS DE PAÍSES.....	15
III.1. As Correlações entre as Variáveis .....	15
III.2. Os Três Regimes na Articulação entre Finanças e Inovação .....	20
IV. CONCLUSÃO .....	23

## **ABSTRACT**

The relationship between finance and innovation is key for economic development. Both classical economists and economic historians highlight the importance of these connections for successful capitalist economies. This paper investigates the relationship between finance and innovation in a cross-country comparison. This comparison uses three sets of data for 187 countries (science and technology, banks and credit and GDP per capita). For 86 countries that produce patents and papers and have banks and stock-exchanges, these data show a strong correlation among these three dimensions. Clustering techniques divide these 86 countries in three subsets, suggesting reciprocal effects between finance and innovation.

*Key Words:* finance, innovation, co-evolution, clustering techniques

*Jel Classification:* B1, G2, O3

## **RESUMO**

Este artigo investiga as relações entre as dimensões monetário-financeira e industrial-inovativa na atualidade, a partir de uma comparação internacional. Na medida em que esse exercício utiliza dados para 187 países, é possível uma avaliação preliminar sobre como estágios de desenvolvimento econômico são influenciados por essa articulação. Para o conjunto de 86 países que possuem os dados relevantes para captar essas três dimensões, busca-se identificar a correlação entre as variáveis e investigar a existência de grupos entre as duas dimensões. A aplicação de uma técnica de *clustering* divide esses países em três grupos distintos.

*Palavras-Chave:* finanças, inovação, co-evolução, métodos de *clustering*

*Classificação Jel:* B1, G2, O3

## **INTRODUÇÃO**

As relações entre finanças e inovação são complexas e multifacetadas. Recentemente, tanto a literatura sobre crescimento econômico (a partir de Levine, 1997) como a literatura sobre economia da tecnologia (a partir de O’Sullivan, 2004, Perez, 2002, Chesnais, 2006) têm dedicado maior atenção a esse tema. Esse interesse renovado faz justiça a autores clássicos e a historiadores da economia que contribuíram para indicar – nas suas linguagens específicas - como a articulação entre a dimensão monetário-financeira e a dimensão industrial-inovativa é decisiva para o desenvolvimento econômico.

Este artigo investiga as relações entre as dimensões monetário-financeira e industrial-inovativa na atualidade, a partir de uma comparação internacional. É um simples exercício que busca quantificar a correlação entre essas dimensões. Na medida em que esse exercício utiliza dados para 187 países, é possível uma avaliação preliminar sobre como estágios de desenvolvimento econômico são influenciados por essa articulação. Talvez esta seja a contribuição específica deste estudo vis-à-vis outros trabalhos empíricos, como os de Levine (1997): a possibilidade de analisar os dados internacionais de forma a avaliar as especificidades dos países menos desenvolvidos, o que é realizado para o conjunto de 86 países que possuem os dados relevantes para captar essas três dimensões.

Este estudo está também articulado com uma agenda de pesquisas mais ampla, que até este momento esteve centrada na investigação das relações entre ciência, tecnologia e riqueza das nações (Ribeiro et al, 2006a, 2006b). Nesse sentido, este artigo ao investigar o papel da dimensão monetário-financeira nessas relações, contribui para a compreensão de fundamentos teóricos e empíricos para a construção de um modelo evolucionário dinâmico incluindo variáveis monetário-financeiras, meta dessa agenda de pesquisa.

A primeira seção deste artigo busca organizar argumentos e evidências disponíveis na história do pensamento econômico (HPE) e na obra de historiadores da economia que articulam a dimensão monetário-financeira com a industrial-inovativa, uma resenha que organiza o raciocínio teórico e contribui para a seleção das variáveis para análise. A segunda seção apresenta os dados e as variáveis relevantes, introduz a análise empírica da relação entre o sistema de crédito, o desenvolvimento científico-tecnológico e o nível de renda (com os dados de cada país no ano de 2003) e descreve as estatísticas básicas. A terceira seção procura identificar a correlação entre as variáveis e criar dois índices sintéticos para representarem a dimensão financeira e a científico-tecnológica, além de mostrar a formação de grupos entre as duas dimensões. A quarta seção conclui o trabalho.

### **I. NOTAS SOBRE A ARTICULAÇÃO ENTRE FINANÇAS E INOVAÇÃO**

As inovações monetárias e financeiras são uma constante na história econômica. Braudel (1986) pode ser uma referência para constatar essa presença, pelo menos desde 1200 DC. Certamente desde o período de preparação da Revolução Industrial as inovações monetárias e financeiras se aceleram e passam a estabelecer uma dinâmica de interação com dimensão industrial-inovativa que perpassa toda a história do desenvolvimento capitalista. Braudel destaca essa relação em um capítulo sobre a Revolução Industrial inglesa: “... na onda das revoluções... houve mesmo uma revolução financeira que correu misturada com a industrialização do país, que se não a provocou, pelo menos a acompanhou e até a tornou possível” (1986, p. 559).

Essas mudanças não passaram despercebidas dos clássicos da economia. Por isso é útil identificar pontos na HPE que contribuem para a percepção dessas relações ao longo do tempo, na medida em que a HPE pode nos fornecer uma espécie de síntese da evolução temporal dessas interações.

James Steuart (1767)<sup>1</sup> apresenta uma elaboração bastante desenvolvida sobre duas principais inovações monetário-financeiras que se desenvolviam em seu tempo: “dinheiro simbólico” (notas bancárias e papel-moeda) e “bancos de circulação” (bancos capazes de fornecer crédito). Essas duas inovações monetário-financeiras têm uma contribuição decisiva para superar as limitações impostas por uma circulação exclusivamente metálica. No Capítulo 26 do Livro II, Steuart apresenta os efeitos da superação dessa limitação sobre a indústria, ao mesmo tempo em que explicita as demandas da indústria para superar tal limitação: *“Those nations, therefore, who circulate their metals only, confine industry to the proportion of the mass of them. Those who can circulate their lands, their houses, their manufactures, nay their personal service, even their hours, may produce encouragement for industry far beyond what could be done by metals only. And this may be done, when the progress of industry demands a circulation beyond the power of metals only”*.<sup>2</sup>

Adam Smith (1776), no Capítulo II do Livro II, no qual notas bancárias e bancos são discutidos, mostra como a emissão de notas contribui para a ampliação da riqueza material: *“When money is substituted in the room of gold and silver, the quantity of the materials, tools, and maintenance, which the whole circulating capital can supply, may be increased by the whole value of gold and silver which used to be employed in purchasing them”* (p. 393). Em seguida o exemplo da Escócia é apresentado, exemplo a partir do qual são apontados os benefícios da circulação *“almost entirely carried by means of the paper of those different banking companies”* (p. 393). Adam Smith chega a esboçar uma discussão cautelosa sobre os efeitos da atividade bancária: *“That the trade and industry of Scotland, however, have increased very considerably during this period, and that the banks have contributed a great deal to this increase, cannot be doubted”* (p. 394).

Para um balanço geral do período, Cameron (1967, p. 58), historiador das finanças, avalia a atividade bancária na Inglaterra entre 1750 e 1844 e conclui que *“the available evidence indicates a positive and significant contribution thereto by the banking system”* para a primeira revolução industrial.

A obra de Marx é elaborada em um contexto histórico da maturidade do desenvolvimento capitalista e de uma dinâmica imposta pelas realizações da Revolução Industrial. Desde essa posição histórica, Marx mostra como massas monetárias independentes, bancos, crédito, dívida pública e capital fictício estão presentes na origem do modo de produção capitalista e constituem precondições e pressupostos para o seu desenvolvimento (Marx, 1894).

---

<sup>1</sup> Em uma obra composta por cinco livros, Steuart dedica o Livro III ao “Dinheiro e Moeda” e o Livro IV ao “Crédito e Dívidas”.

<sup>2</sup> É interessante notar como Sylla (1982) descreve o caso dos Estados Unidos, enfatizando, desde o início, como a inovação monetária ao longo da história do país é importante para superar a oferta “relativamente inelástica” de ouro e prata. Para Sylla, o caso dos Estados Unidos demonstra como a elevada demanda por dinheiro, consequente do enorme crescimento econômico no longo prazo, frente a oferta relativamente inelástica de metais preciosos tem como resposta a inovação monetária. Discutindo o período posterior à independência, Sylla (1982, p. 26) comenta que *“the main effect of the banking innovation was to supply at relatively modest expense an unprecedent demand for money that was far beyond the capacity of existing stocks of gold and silver to meet”*.

Além de uma teoria sobre o dinheiro, capaz de incorporar o papel-moeda, a evolução dos bancos e do sistema de crédito, duas inovações monetário-financeiras importantes são tratadas por Marx: as sociedades por ações e as bolsas de valores.

No primeiro volume Marx, ao tratar dos processos de centralização e concentração de capital (o processo de desenvolvimento da grande empresa, no linguajar mais tradicional da economia industrial), processos decisivos na dinâmica de acumulação de capital, explicita o papel das sociedades por ação como viabilizadoras dos investimentos necessários. No terceiro volume, a divisão funcional entre diferentes capitais é apresentada, e a contraposição entre o capitalista monetário e o capitalista produtivo é desenvolvida (em antecipação ao esquema do segundo capítulo da *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, de Schumpeter). No Capítulo 27, ao discutir o papel do crédito na sociedade capitalista, Marx trata das bolsas de valores. Engels, no “Suplemento ao terceiro volume de *O Capital*”, contextualiza tal elaboração, pois “em 1865, a bolsa era ainda um elemento secundário no sistema capitalista”, situação que após transformações desde então torna a bolsa “a representante mais eminente da própria produção capitalista” (*O Capital*, vol III, p. 333).

Quanto às relações entre a dimensão monetário-financeira e a industrial-inovativa, a existência de um método sugerido por Marx para lidar com elas pode ser discutida por duas referências básicas. A primeira, nos *Grundrisse*, sugere uma formulação de causalidade dinâmica, na medida em que mudanças em uma dimensão (industrial) podem ser causa e também efeito de mudanças na outra dimensão (monetário-financeira): nessa passagem Marx discute bancos, crédito e o processo de concentração de capital (pp. 122-123). A segunda, no terceiro volume de *O Capital*, sugere a existência de efeitos recíprocos entre as duas dimensões, na medida em que desenvolvimento em uma leva ao desenvolvimento em outra, e vice-versa (p. 612).<sup>3</sup>

Hilferding (1910) contribui para essa elaboração através de seu estudo sobre a “mobilização de capital”. As bolsas de valores são decisivas para a emergência das modernas sociedades anônimas. Essa justaposição do desenvolvimento de um novo arranjo financeiro (as bolsas de valores) e uma nova forma de organização das empresas industriais (sociedades anônimas) é uma demonstração de como as duas dimensões passam por um processo de co-evolução. Hilferding expõe a consolidação das bolsas de valores e a institucionalização da remuneração das ações de empresas industriais e, como consequência, apresenta um novo conceito (dividendo), necessário para compreender as características do capitalismo contemporâneo.<sup>4</sup>

Esse ponto, a articulação entre bolsas de valores e sociedades anônimas, é objeto de comentários tanto de autores pós-keynesianos como neo-schumpeterianos. Minsky (1986, p. 317), por exemplo, ressalta que um mercado de títulos e de ações é um “complemento necessário” para a sociedade anônima como forma de organizar negócios. Rosenberg e Birdzell (1986, p. 220) comentam como as sociedades anônimas eram raras antes de 1890 nos Estados Unidos e se tornaram extremamente difundidas após 1914. Para eles, “*the shift required changes not only in corporations but also in the trading conducted on stock exchanges. These changes were of fundamental importance to twentieth-century capitalism*”.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Um maior desenvolvimento sobre um método em Marx para a avaliação das relações entre finanças e inovação é apresentado em trabalho anterior de um dos autores deste artigo (Albuquerque, 2008).

<sup>4</sup> Para uma discussão das contribuições de Hilferding, ver Paula et al (2001) e Herskovic (2007).

<sup>5</sup> A leitura combinada de Chandler (1977) e Geisst (1997) contribui para compreender as articulações entre o desenvolvimento da moderna sociedade anônima nos Estados Unidos e a bolsa de valores de Nova York.

Schumpeter contribui para a compreensão da articulação entre o sistema financeiro e a inovação na discussão do capítulo II do seu livro *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Para Schumpeter (1911), o empresário para viabilizar a sua inovação deve conseguir recursos (crédito) junto a um banqueiro. Dessa forma, Schumpeter indica uma relação inteiramente essencial no capitalismo, entre finanças e inovação. Nesse mesmo livro, ele define o “mercado monetário” como o “quartel-general” do sistema capitalista (p. 86).

Entre as elaborações mais recentes, dois conjuntos se destacam.

Em primeiro lugar, há o trabalho de Levine (1997), que sumariza um conjunto de argumentos derivados de formulações clássicas na economia para discutir o sentido da causalidade entre finanças e desenvolvimento econômico em um sentido mais geral. Por exemplo, Levine (1997, p. 692) cita John Hicks, que argumenta que “*the capital market improvements that mitigated liquidity risk were primary causes of the industrial revolution in England*”. Levine (1997) também discute dados para avaliação de estruturas financeiras nacionais e avalia a direção da causalidade entre finanças e crescimento.

Para Levine (1997, p.690-702) o desenvolvimento do sistema financeiro e os efeitos de seus instrumentos diminuem os custos e as assimetrias de informações incitando a acumulação de capital e a alocação mais eficiente dos recursos. O sistema financeiro gera maior liquidez e dilui os riscos dos investimentos, portanto, atividades custosas e arriscadas, como as de pesquisa e inovação, tornam-se mais viáveis. Nesse sentido o sistema financeiro incita o progresso científico-tecnológico que juntamente com a acumulação de capital permitem maior crescimento econômico.

Em estudo posterior, Levine e Zervos (1998) analisam as relações empíricas entre as várias medidas de desenvolvimento do mercado acionário e do sistema bancário e o crescimento econômico. Seus resultados sugerem que as medidas de liquidez de mercado e as medidas de desenvolvimento do sistema bancário são correlacionadas com as taxas, de curto e longo prazo, de crescimento econômico, de acumulação de capital e de aumento de produtividade.

Em segundo lugar, ainda mais recentemente, há o reconhecimento pela abordagem evolucionista de uma importante lacuna no limitado e pouco sistemático tratamento dedicado ao tema do relacionamento entre finanças e inovação (O’Sullivan, 2004). As contribuições recentes mais importantes são as seguintes: Chesnais (2004), Perez (2002) e O’Sullivan (2004).<sup>6</sup>

Em suma: essa resenha de elaborações disponíveis na teoria econômica sobre as relações entre finanças e inovação contribui para sugerir um padrão de relacionamento e causalidade bi-direcional e mutuamente reforçante. Neste ponto do processo de investigação, essa formulação ainda é bastante geral, mas é suficiente para que o trabalho possa prosseguir. A hipótese de relações de *feedbacks* positivos entre a dimensão monetário-financeira e a dimensão industrial-inovativa pode orientar a escolha de dados e os primeiros testes empíricos nessa investigação.

---

<sup>6</sup> Entre as contribuições anteriores mais importantes dessa abordagem, destacam-se Christensen (1992) e Goodcare & Tonks (1995).

## II. ESTATÍSTICAS SOBRE FINANÇAS E INOVAÇÃO

A partir da discussão anterior, esta seção trata inicialmente de definir as variáveis que serão utilizadas.

Para representar a dimensão monetário-financeira, duas instituições podem ser selecionadas, em função da importância indicada nas notas da seção anterior: bancos e bolsas de valores. São duas instituições centrais para o capitalismo contemporâneo, cuja origem histórica e cujo papel nas transformações que o capitalismo sofreu nos dois últimos séculos não podem ser subestimados.

A importância dos bancos e das bolsas de valores nas economias nacionais pode ser quantificada através das seguintes variáveis: 1) crédito bancário *per capita* (todo o crédito doméstico concedido na economia - salvo para os Bancos Centrais - oriundo do setor bancário); 2) capitalização, *per capita*, de mercado das empresas listadas na bolsa de valores (o preço das ações multiplicado pelo número de ações, i.e. a soma dos preços de todas as companhias listadas na bolsa de valores). Essas variáveis foram fornecidas pelo Banco Mundial: 1) os dados relativos à capitalização de mercado o Banco Mundial obteve através do *Standard & Poor's Global Stock Markets Factbook 2004*; 2) os dados sobre crédito bancário através do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para representar a dimensão industrial-inovativa, segue-se a metodologia adotada em Ribeiro et al (2006a, 2006b).<sup>7</sup> A variável que representa o desenvolvimento científico é a média anual do número de artigos publicados em revistas internacionais por milhão de habitantes, dados do *Institute of Scientific Information* (ISI), entre 1999 e 2003 e, para representar o progresso tecnológico, usa-se a média anual do número de patentes concedidas pelo *United States Patent and Trade Office* (USPTO) por milhão de habitantes entre 1999 e 2003, ambas variáveis constituem a mesma base de dados de Ribeiro et al. (2006a, 2006b).

Além dessas duas dimensões, para medir a riqueza das nações, usa-se o produto interno bruto *per capita* dos países, dado também fornecido pelo Banco Mundial.

Com essas variáveis é construída uma base de dados com 187 países.

Desse total de 187 países, doze não têm artigos publicados, 64 não têm patentes concedidas pelo USPTO, onze não têm dados do produto interno bruto *per capita* (PIB), 48 não têm dados de crédito provido pelo setor bancário e 89 não têm dados de capitalização de mercado (ou não tem bolsa de valores).

---

<sup>7</sup> Para uma cuidadosa revisão da literatura sobre os indicadores apropriados para representar a dimensão industrial-inovativa, ver Moed et al (2004).

**TABELA 1**  
**Países sem dados sobre artigos, patentes, crédito bancário, capitalização de mercado ou PIB**

País	ART	PAT	CM	CB	PIB	País	ART	PAT	CM	CB	PIB
Afganistão	X	X	X	X	X	Sudão		X	X		
Coréia do Norte	X	X	X	X	X	Tadiquistão		X	X		
Iraque	X	X	X	X	X	Togo		X	X		
Porto Rico	X	X	X	X	X	Zaire (Rep. Dem. do Congo)		X	X		
Kiribati	X	X	X	X		Ilhas Marshall	X		X	X	
São Tomé e Príncipe	X	X	X	X		Suriname	X		X	X	
Timor-Leste	X	X	X	X		Brunei			X	X	X
Mianmar		X	X	X	X	Cuba			X	X	X
Somália		X	X	X	X	Bahamas			X	X	
Antígua e Barbuda		X	X	X		Bahrain			X	X	
Belize		X	X	X		Barbados			X	X	
Butão		X	X	X		Chipre			X	X	
Cabo Verde		X	X	X		Dominica			X	X	
Comores		X	X	X		Fiji			X	X	
Djibouti		X	X	X		Granada			X	X	
Guiana Francesa		X	X	X		Groenlândia			X	X	
Maldives		X	X	X		Guiana			X	X	
Nepal		X	X	X		Luxemburgo			X	X	
S. Vic. E Granadinas		X	X	X		Malta			X	X	
Salomão		X	X	X		Palau			X	X	
Samoa		X	X	X		Qatar			X	X	
Tonga		X	X	X		Santa Lúcia			X	X	
Vanuatu		X	X	X		Seichelas			X	X	
Laos	X	X	X			Taiwan			X	X	
Gabão		X	X		X	Argélia			X		
Albânia		X	X			Azerbaijão			X		
Angola		X	X			Bielarus			X		
Benin		X	X			Bósnia-Herzegovina			X		
Burkina		X	X			Haiti			X		
Burundi		X	X			Honduras			X		
Camarões		X	X			Kuwait			X		
Camboja		X	X			Madagascar			X		
Chade		X	X			Nicarágua			X		
Congo		X	X			Paraguai			X		
Eritreia		X	X			Rep. Dominicana			X		
Etiópia		X	X			Síria			X		
Gâmbia		X	X			Turquemenistão			X		
Guiné		X	X			Vietnã			X		
Guiné Bissau		X	X			Cisjordânia e Gaza	X	X		X	
Iemem		X	X			Sérvia e Montenegro	X	X		X	
Lesoto		X	X			Botswana			X		
Libéria		X	X			Malawi			X		
Líbia		X	X			Mauritânia			X		
Mali		X	X			Mongólia			X		
Moçambique		X	X			Namíbia			X		
Níger		X	X			Suazilândia			X		
Papua Nova Guiné		X	X			Zambia			X		
Rep. Centro-Africana		X	X			Uzbequistão				X	
Ruanda		X	X			Emirados Ar. Unidos					X
Senegal		X	X			Zimbabwe					X
Serra Leoa		X	X								

Fonte: Elaboração Própria com dados do USPTO, ISI e do Banco Mundial. Nota: ART, PAT, CM, CB e PIB significam a média do número de artigos publicados por milhão de habitantes entre 1999 e 2003, a média do número de patentes concedidas pelo USPTO por milhão de habitantes entre 1999 e 2003, a capitalização de mercado *per capita* em 2003, o crédito bancário *per capita* em 2003 e o produto interno bruto *per capita* em 2003, respectivamente. O X indica que o país não possui a informação disponível sobre a variável.

Desses 187 países, 35 não estão nas estatísticas do Banco Mundial, pois 34 têm menos de um milhão de habitantes<sup>8</sup> (o Banco Mundial mostra as estatísticas para países com mais de um milhão de habitantes) e Taiwan não está incluída nas estatísticas das organizações internacionais. No entanto, Taiwan tem bolsa de valores e um sistema bancário desenvolvido.

A TAB. 1 mostra quais países não têm dados de artigo, patentes, PIB, crédito bancário ou capitalização de mercado. Quatro países (Afeganistão, Coréia do Norte, Iraque e Porto Rico) não têm nenhum dos dados disponível. Kiribati, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, apesar dos dados do PIB estarem disponíveis, não têm dados de artigos, patentes crédito bancário e capitalização de mercado.

Dos 64 países que não têm patentes concedidas pelo USPTO entre 1999 e 2003, 55 países (86%) não têm dados de capitalização de mercado ou simplesmente não têm bolsa de valores. Essa “coincidência” sugere uma forte relação entre a concessão de patentes e a presença da bolsa de valores. Pelo lado da capitalização de mercado, dos 89 países que não têm dados disponíveis (ou não têm bolsa de valores), 55 países (62%) não têm patentes concedidas pelo USPTO.

Os países que não têm dados de crédito bancário também não têm dados de capitalização de mercado, exceto para a Cisjordânia e Gaza, Sérvia e Montenegro e o Uzbequistão. Todavia, o contrário não necessariamente é válido, pois há vários países que têm crédito bancário disponível na ausência da capitalização de mercado. Excluindo os países que têm menos de um milhão de habitantes, Taiwan (porque são excluídos das estatísticas do Banco Mundial) e os que não têm informações sobre o PIB *per capita*<sup>9</sup> (por ser uma das informações mais elementares em qualquer análise econômica) apenas quatro países não têm dados de crédito bancário (Nepal, Cisjordânia e Gaza, Sérvia e Montenegro e Uzbequistão). Portanto, as evidências sugerem que a presença de crédito bancário precede a da capitalização de mercado.

Apenas 86 países apresentam todas as cinco informações (PIB, artigos, patentes, crédito bancário e capitalização de mercado) simultaneamente. Organizando-os em cinco grupos a partir do PIB como em Bernardes e Albuquerque (2003, p.877), tem-se na TAB. 2 a média e o desvio padrão dos artigos, patentes, crédito bancário e capitalização de mercado para cada grupo de países com o mesmo nível de renda. A TAB. 2 explicita que os países com alto nível de renda têm mais publicações científicas, mais patentes, mais crédito e uma bolsa de valores maior.

---

<sup>8</sup> Os 34 países com menos de um milhão de habitantes em 2003 são: Antígua e Barbuda, Bahamas, Bahrain, Barbados, Belize, Brunei, Butão, Cabo Verde, Chipre, Comores, Djibouti, Dominica, Fiji, Granada, Groenlândia, Guiana, Guiana Francesa, Ilhas Marshall, Kiribati, Luxemburgo, Maldivas, Malta, Palau, Qatar, S. Vic. E Granadinas, Salomão, Samoa, Santa Lúcia, São Tomé e Príncipe, Seichelas, Suriname, Timor-Leste, Tonga e Vanuatu.

<sup>9</sup> Os onze países que não têm dados do PIB *per capita* como indica a TAB. 1 são: Afeganistão, Brunei, Coréia do Norte, Croácia, Emirados Ar. Unidos, Gabão, Iraque, Mianmar, Porto Rico, Somália e Zimbábwe.

**TABELA 2**

**O Nível de renda e a média de artigos, patentes, crédito bancário e capitalização de mercado, valores *per capita***

Grupo de Países a partir da Renda	Artigos	Patentes	Crédito Bancário	Capitalização de Mercado	Número de Países
PIB <i>per capita</i> < 3.000 Desvio Padrão	36,97 45,68	0,42 0,52	656,04 645,13	448,99 701,57	37
3.000 < PIB <i>per capita</i> < 5.000 Desvio Padrão	78,64 38,29	2,28 1,59	3.370,43 2.214,45	2.019,66 2.477,18	12
5.000 < PIB <i>per capita</i> < 10.000 Desvio Padrão	217,08 144,11	3,19 3,20	3.476,06 1.510,65	2.532,44 2.565,98	11
10.000 < PIB <i>per capita</i> < 19.000 Desvio Padrão	656,30 438,16	111,70 165,73	14.501,26 5.277,97	7.412,92 3.112,01	5
PIB <i>per capita</i> > 19.000 Desvio Padrão	960,59 381,31	187,91 142,09	41.267,96 19.444,65	31.635,69 25.516,32	21

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Banco Mundial, USPTO e ISI.

Nota: Artigos e patentes representam a média por milhão de habitantes nos anos entre 1999 e 2003, o crédito bancário e a capitalização de mercado são para 2003.

A diferença do primeiro grupo (renda menor que três mil dólares *per capita*) para o segundo (renda entre três e cinco mil dólares *per capita*) é nítida, todas as variáveis aumentam consideravelmente em média, no entanto, a diferença do segundo para o terceiro grupo (renda entre cinco e dez mil dólares *per capita*) é mais sutil, pois as informações do sistema financeiro pouco se alteram, mas o número de patentes aumenta em 40% e o maior aumento é para o número de artigos (176%). Um salto maior ocorre do terceiro para o quarto grupo (renda entre dez e dezenove mil dólares *per capita*), o crédito bancário aumenta em 317%, o tamanho médio da bolsa de valores em 193%, os artigos em 202% e o maior aumento é no número de patentes (3402%). Do quarto para o quinto grupo (renda maior que dezenove mil dólares *per capita*), o maior aumento é da capitalização de mercado (327%) seguido do crédito bancário (185%), patentes (68%) e o menor aumento é da publicação científica (46%).

Na dispersão dos dados, o desvio padrão tanto dos artigos quanto das patentes diminuem do quarto para o quinto grupo mesmo tendo a média aumentado, esse resultado indica que o quinto grupo é mais homogêneo na dimensão científico-tecnológica. Analogamente, o segundo grupo é mais homogêneo na publicação científica que o primeiro e o terceiro é mais homogêneo que o segundo no crédito bancário.

Para prosseguir com a análise, sabendo-se que os valores das observações quando disponíveis são estritamente positivos, aplica-se uma transformação logarítmica de base dez nos dados, pois assim os valores apresentados ficam mais próximos e qualquer tipo de comparação é facilitada. Como não se pretende observar nenhum tipo de variação percentual, o logaritmo na base dez é adequado por ter uma interpretação direta. Por exemplo, se o log do PIB *per capita* indicado é x, temos:  $PIB = 10^x$ , como o PIB *per capita* é indicado em dólares americanos de 2003, a renda *per capita* exemplificada é de US\$ $10^x$ . Na sequência, tem-se uma breve apresentação estatística da base de dados.

A TAB. 3 apresenta as principais medidas de posição e dispersão, além do teste de Jarque-Bera para normalidade. As estatísticas da TAB. 3a são para os países que possuem, simultaneamente, dados de artigos, patentes, crédito bancário, capitalização de mercado e PIB, excluindo, assim, 101 países. Como a tabela indica, a média do logaritmo do número de artigos é 1,96 e a média do

logaritmo das patentes é 0,38, logo o número de patentes é, em média, inferior ao número de artigos publicados. Como a média aritmética dos logaritmos é igual ao logaritmo da média geométrica das observações, a média geométrica do número de artigos publicados é  $10^{1,96}$  (aproximadamente 91,20 artigos por milhão de habitantes) e a média geométrica do número de patentes é de aproximadamente 2,40 patentes por milhão de habitantes.

No âmbito financeiro, as médias do logaritmo do crédito bancário e da capitalização de mercado são mais próximas: 3,39 e 3,07, respectivamente. A média do logaritmo do PIB é 3,64. Em dólares *per capita*, as médias geométricas dos créditos bancários, das capitalizações de mercado e dos PIB são \$2.454,71 \$1.1174,9 e \$4.365,16, respectivamente. Como consta na TAB. 3b, quando os países excluídos são acrescentados, rigorosamente todas as médias e medianas diminuem, indicando que em geral os países que não têm alguma das informações analisadas (e por isso foram excluídas) estão abaixo da média nas informações que possuem.

**TABELA 3**  
**Estatísticas Descritiva das Variáveis**

a) Estatísticas para os países que possuem as cinco informações simultaneamente

	LogArt	LogPat	LogCB	LogCM	LogPIB
Média	1,96	0,38	3,39	3,07	3,64
Mediana	1,94	0,15	3,35	3,05	3,63
Máximo	3,26	2,78	4,99	5,02	4,68
Mínimo	0,14	-2,35	1,38	0,17	2,40
Desvio Padrão	0,82	1,28	0,91	1,06	0,63
Assimetria	-0,21	0,25	-0,12	-0,27	-0,06
Curtose	2,05	2,15	2,15	2,53	1,99
Teste Jarque-Bera	3,87	3,50	2,80	1,81	3,70
P-valor	0,14	0,17	0,25	0,40	0,16
Observações Incluídas	86	86	86	86	86
Observações Exluídas	101	101	101	101	101

b) Estísticas individuais de cada variável

	LogArt	LogPat	LogCB	LogCM	LogPIB
Média	1,47	0,27	2,91	2,94	3,34
Mediana	1,37	0,11	2,86	3,01	3,32
Máximo	3,26	2,78	4,99	5,02	4,77
Mínimo	-1,17	-2,35	0,17	-0,41	1,92
Desvio Padrão	0,92	1,24	1,04	1,12	0,70
Assimetria	0,07	0,34	0,17	-0,36	0,20
Curtose	2,35	2,31	2,20	2,83	2,11
Teste Jarque-Bera	3,20	4,79	4,39	2,19	6,97
P-valor	0,20	0,09	0,11	0,33	0,03
Observações Incluídas	175	123	139	98	176
Observações Exluídas	12	64	48	89	11

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do USPTO, ISI e do Banco Mundial.

O logaritmo do número de patentes tem a menor média e mediana, mas possui o maior desvio padrão, curiosamente esse desvio diminui (de 1,28 para 1,24) quando as observações excluídas são acrescentadas. As outras quatro variáveis apresentam um padrão diferente quando as observações excluídas são acrescentadas, o desvio padrão aumenta sugerindo que as observações acrescentadas se destoam mais da média do que as já incluídas. A redução das medianas ocorre pela redução dos mínimos e não dos máximos, os países que possuem os valores máximos pertencem ao conjunto de países da TAB. 3a (salvo para o PIB, pois o país com renda *per capita* mais alta do mundo em 2003 era o Luxemburgo que tem menos de um milhão de habitantes e, portanto, não está nas estatísticas do Banco Mundial). Na TAB. 3b, todos os mínimos diminuem, ou seja, dentre os países que não têm algum dos dados analisados encontram-se os valores mínimos ou no nível científico-tecnológico ou no nível financeiro ou na renda.

A partir do teste de Jarque-Bera para normalidade, para 10% de significância, não se rejeita a hipótese nula de que individualmente todas as variáveis seguem a distribuição normal, salvo na TAB. 3b onde o logaritmo das patentes exige 8% de significância. É curioso que na TAB. 3b, todos os p-valores diminuem, ou seja, é necessário menos rigor para se rejeitar a hipótese nula. Os países excluídos, além de aumentarem o desvio padrão “reduzem a normalidade” dos dados. Na sequência, tem-se a discussão da correlação das variáveis.

### **III. A CORRELAÇÃO TRI-DIMENSIONAL E OS AGRUPAMENTOS DE PAÍSES**

#### **III.1. As Correlações entre as Variáveis**

A TAB. 4 mostra a matriz de correlação das variáveis para as observações que têm todas as informações simultaneamente (as mesmas observações da TAB 3a).

Todas as cinco variáveis têm forte correlação positiva. A variável mais correlacionada com as demais é o PIB *per capita* com 0,96 para o crédito bancário, 0,91 para a capitalização de mercado, 0,92 para as patentes e 0,88 para os artigos. Os resultados da TAB. 4 sugerem que onde o PIB é alto, a capitalização de mercado, o crédito bancário, o número de patentes e o número de artigos são também elevados. De certa forma, esses resultados indicam que o sistema creditício, o progresso científico-tecnológico e a renda são altamente correlacionados.

**TABELA 4**  
**Matriz de Correlação**

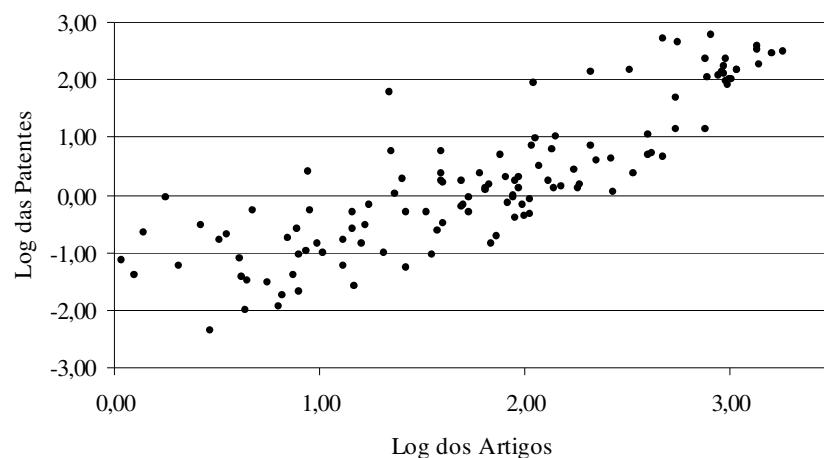
	LogArt	LogPat	LogCB	LogCM	LogPIB
LogArt	1,00				
LogPat	0,89	1,00			
LogCB	0,83	0,90	1,00		
LogCM	0,79	0,87	0,94	1,00	
LogPIB	0,88	0,92	0,96	0,91	1,00

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do USPTO, ISI e do Banco Mundial.

A correlação entre o logaritmo do número de patentes e o do número de artigos é 0,89 e o GRAF. 1 ilustra essa forte correlação positiva. Ribeiro *et al.* (2006b) indicam a existência de grupos de países no GRAF. 1, na próxima seção, ter-se-á uma discussão mais detalhada desse agrupamento. Onde o número de artigos é alto, o número de patentes é em geral mais alto, ou seja, o progresso científico é extremamente vinculado ao progresso tecnológico e *vice-versa*. Claro que quanto menor for o número de artigos e patentes, maior é a variância das observações, parte disso se deve à transformação logarítmica que reduz os valores mais elevados em maior proporção que os valores menores, reduzindo a variância dos dados para os valores mais altos, e parte se deve à especificidade da interação entre ciência e tecnologia de cada país.

**GRÁFICO 1**

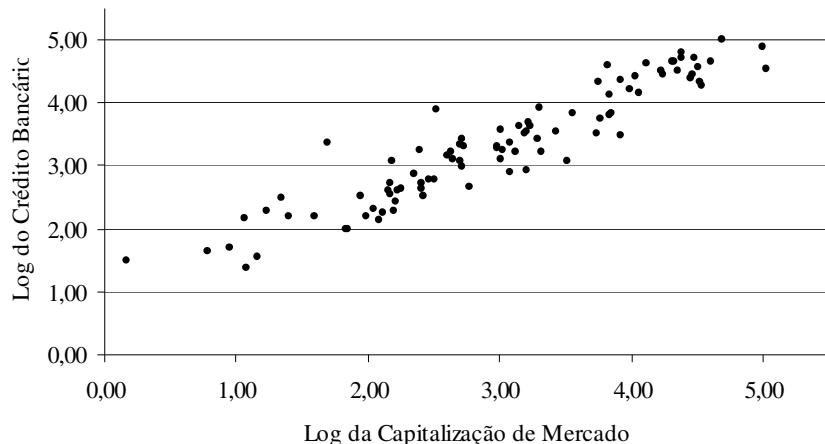
**O Logaritmo do número de patentes concedidas pelo USPTO com o logaritmo do número Artigos publicados por milhão de habitantes, média para o período entre 1999 e 2003**



Fonte: Ribeiro *et Al.* (2006b, p.83).

O GRAF. 2, análogo ao GRAF. 1, mostra a relação entre o crédito bancário e a capitalização de mercado. A correlação é maior (0,94) e a variância dos dados menor, deixando a relação mais clara: o país com o crédito bancário presente na economia tem, em geral, um sistema da capitalização de mercado desenvolvido e *vice-versa*.

**GRÁFICO 2**  
**Logaritmo do crédito bancário per capita com a capitalização de mercado *per capita* em 2003**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Banco Mundial.

Para visualizar a relação entre a dimensão financeira e a dimensão do progresso científico-tecnológico, no banco de dados em análise, é importante colapsar os dados de artigos e patentes e os dados de crédito bancário e capitalização de mercado, criando um “índice” para o desenvolvimento financeiro e outro para o progresso científico-tecnológico. Claro que um índice sintético dessa maneira estará sujeito a problemas, porque ao transformar o desenvolvimento financeiro em um número e o progresso científico-tecnológico em outro, perde-se necessariamente vários aspectos qualitativos à medida que cada país tem um desenvolvimento histórico específico do sistema nacional de inovação e do sistema financeiro. No entanto, a tentativa não é inválida, pois a disponibilidade de um índice para o desenvolvimento financeiro e outro para o progresso científico-tecnológico permite analisar como maior clareza a relação não trivial das duas dimensões.

Para colapsar os dados de artigos e os dados patentes, far-se-á a média aritmética dos logaritmos, ou seja, o logaritmo da média geométrica. A média geométrica é necessária, pois os valores dos dados de artigos são maiores que os de patentes, então se fosse feito o logaritmo da média aritmética, o índice representaria principalmente os artigos científicos, mas com a média geométrica as patentes têm maior peso. Logo, para a ciência e a tecnologia, o índice sugerido, TEC, para o país *i* será:

$$(1) \quad TEC_i = \frac{1}{2} (\log_{10} Art_i + \log_{10} Pat_i) = \log_{10} (\sqrt{Art_i \times Pat_i})$$

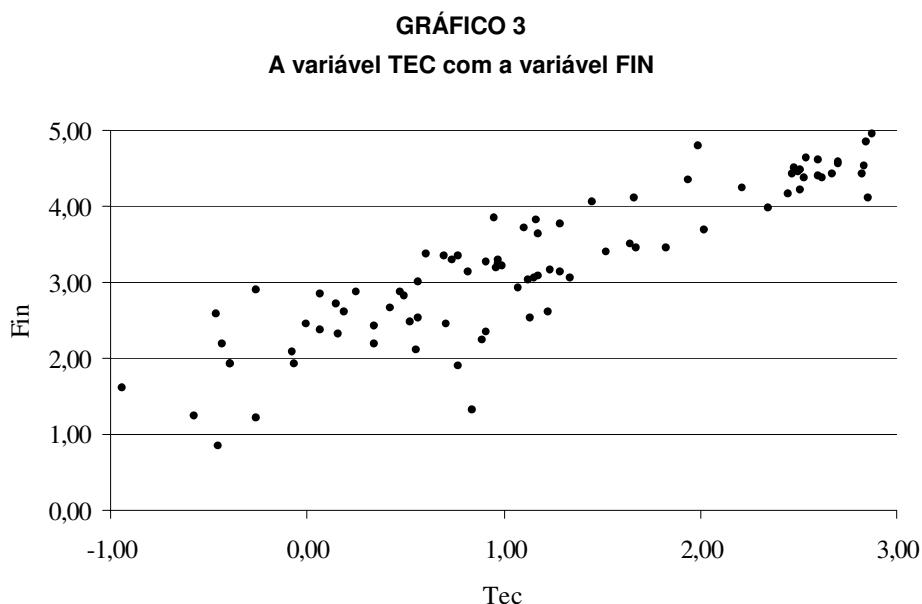
Onde,  $Art_i$  é a média do número de artigos publicados e  $Pat_i$  a média do número de patentes concedidas pelo USPTO por milhão de habitantes, entre 1999 e 2003, para o país *i*.

Os valores das variáveis do sistema financeiro são próximos, mas mantendo o mesmo método o índice sugerido para o desenvolvimento financeiro, FIN, do país *i* será também o logaritmo da média geométrica:

$$(2) \quad FIN_i = \frac{1}{2} (\log_{10} CB_i + \log_{10} CM_i) = \log_{10} (\sqrt{CB_i \times CM_i})$$

Onde,  $CB_i$  e  $CM_i$  são, respectivamente, o crédito bancário *per capita* e a capitalização de mercado *per capita* do país  $i$ .

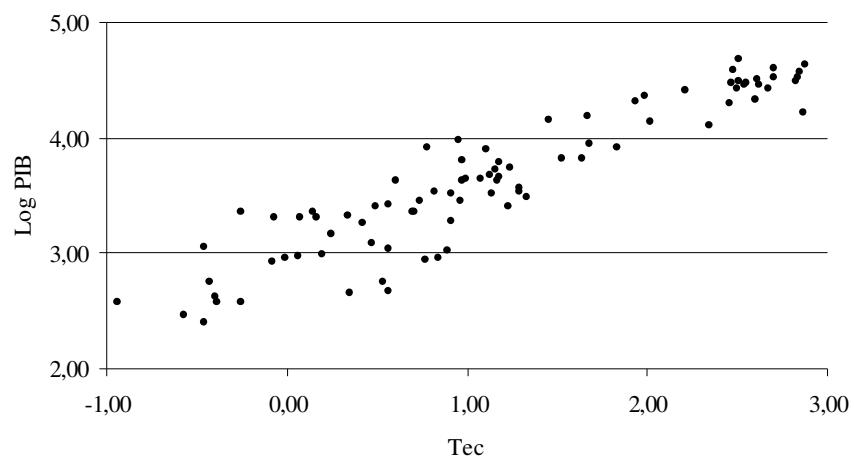
O GRAF. 3 mostra o índice TEC no eixo  $x$ , o índice FIN no eixo  $y$  e cada ponto representa um país. O GRAF. 3 apresenta aproximadamente o mesmo padrão dos dois gráficos anteriores, uma forte correlação positiva e uma redução da variância para valores mais altos. As observações feitas à variância nos gráficos 1 e 2 se aplicam ao gráfico 3, pois na construção dos índices usa-se a transformação logarítmica e a especificidade de cada país permanece. Os resultados, mais uma vez, indicam que a ciência, a tecnologia e o crédito estão juntos, um país que tem o sistema financeiro desenvolvido tem o sistema inovação desenvolvido e *vice-versa*.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do USPTO, ISI e do Banco Mundial.

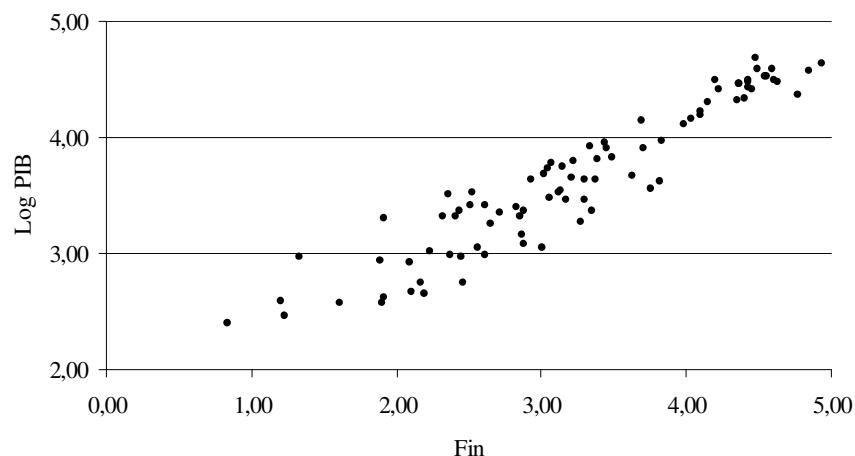
É possível visualizar no GRAF. 3 grupos de países (aglomerados de pontos) com o desenvolvimento financeiro, científico e tecnológico próximos. No canto superior direito, claramente há um pequeno grupo, no centro do gráfico há também outro grupo de países. A análise e verificação desses agrupamentos será feita na a próxima seção.

**GRÁFICO 4**  
**Logaritmo do PIB *per capita* com a variável TEC**



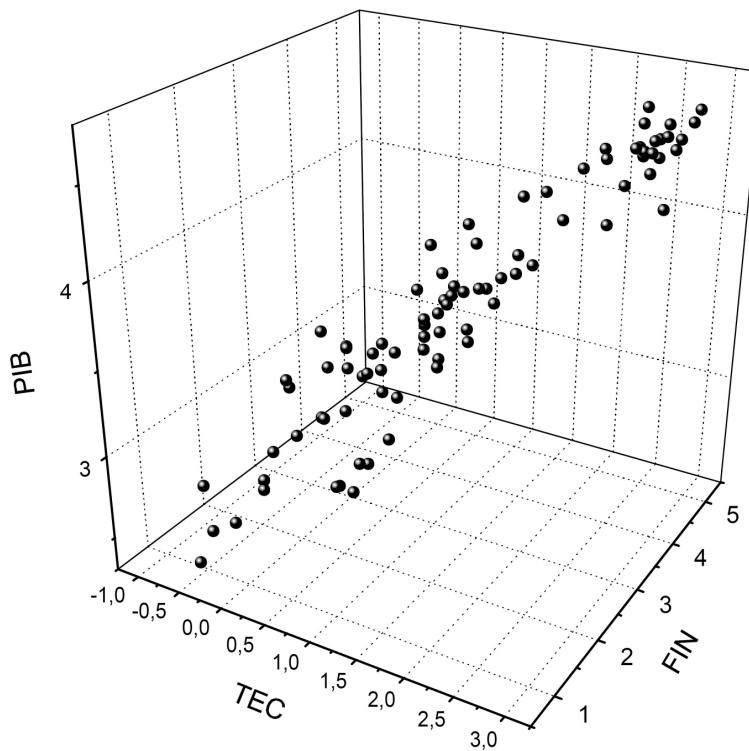
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do USPTO, ISI e do Banco Mundial.

**GRÁFICO 5**  
**Logaritmo do PIB *per capita* com a variável FIN.**  
**Fonte: Elaboração própria a partir dos do Banco Mundial**



Analogamente, os Graf. 4 e 5 mostram os índices criados em relação ao logaritmo do PIB. Têm-se resultados parecidos com forte correlação positiva e variância decrescente. Ou seja, uma renda elevada está associada ao desenvolvimento do sistema financeiro e ao progresso científico-tecnológico.

**GRÁFICO 6**  
**Logaritmo do PIB *per capita* com a variável TEC e com a variável FIN**



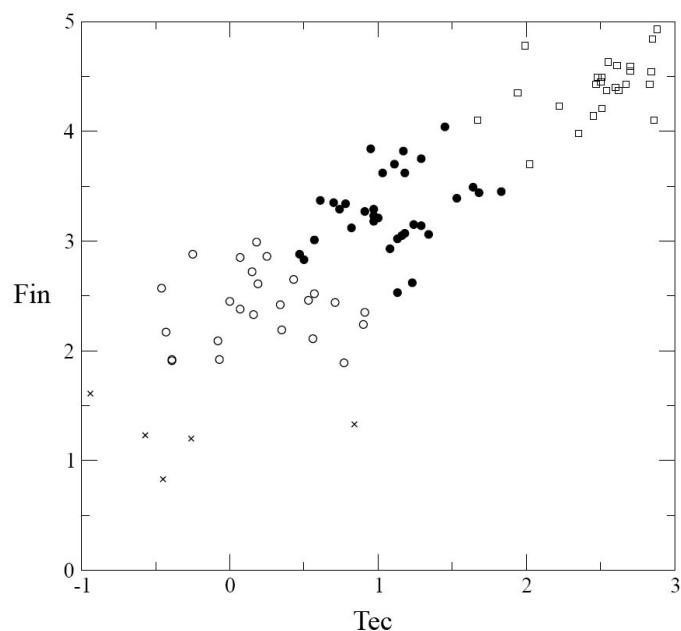
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do USPTO, ISI e do Banco Mundial.

É possível visualizar as três variáveis (TEC, FIN e PIB) simultaneamente no espaço tridimensional. O GRAF. 6 mostra a variável TEC no eixo  $x$ , a variável FIN no  $y$  e logaritmo do PIB *per capita* no eixo  $z$ . A variância decrescente e a forte correlação positiva também é evidente. Assim como no gráfico 3, observa-se o agrupamento de países. Esses agrupamentos serão tratados na seqüência.

### III.2. Os Três Regimes na Articulação entre Finanças e Inovação

À luz de Ribeiro *et al* (2006b) e Ribeiro (2007), usa-se a técnica super-paramagnética para detectar grupos de países no GRAF. 3. A técnica super-paramagnética é baseada nas propriedades físicas de um ferromagneto não homogêneo. O método associa a cada ponto do conjunto de dados no espaço  $d$ -dimensional um spin de Potts (um número inteiro positivo menor ou igual a  $q$ ) e se introduz uma interação  $J_{ij}$  entre os pontos da vizinhança cuja força é uma função decrescente da distância dos pontos no espaço. (RIBEIRO *et al.*, 2006b, p.83, tradução nossa).

## GRÁFICO 7



Fonte: Elaborado a partir de Ribeiro (2007). O grupo 3 são os ponto quadrados, o grupo 2 os círculos pretos, o grupo 1 os círculos vazios e os países sem grupos os x.

O estudo da técnica em si foge ao escopo desse estudo<sup>10</sup>. A técnica identifica três grupos de países e cinco países sem grupo, os resultados do agrupamento podem ser visualizados no GRAF. 7 e na TAB. 5. O grupo três contém principalmente os países europeus além de Israel, Estados Unidos, Austrália, Canadá, Coréia do Sul, Hong Kong, Japão, Nova Zelândia e Singapura. O grupo dois é mais heterogêneo e inclui poucos países europeus como Polônia, Portugal Rep. Tcheca e Hungria, alguns países da América Latina como Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e México, alguns países da África como Egito e África do Sul, alguns países da Ásia como China e Malásia e alguns do Oriente Médio como Líbano e Arábia Saudita, além de países como Rússia e Turquia. O grupo um é também bastante heterogêneo contendo países como Bolívia, Colômbia, Venezuela, Irã, Gana, Índia, Ucrânia, Sri Lanka e outros. A lista completa dos países de cada grupo está na TAB. 5.

<sup>10</sup> Para detalhes da técnica de *clustering* super-paramagnética ver Ribeiro (2007).

**TABELA 5**  
**Países de cada grupo**

Sem Grupo	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Armênia	Bolívia	Arábia Saudita	Alemanha
Bangladesh	Colômbia	Argentina	Austrália
Quirguistão	Costa do Marfim	Brasil	Austria
Tanzânia	El Salvador	Bulgária	Bélgica
Uganda	Equador	Chile	Canadá
	Filipinas	China	Coréia do Sul
	Gana	Costa Rica	Dinamarca
	Geórgia	Croácia	Esllovénia
	Guatemala	Egito	Espanha
	Índia	Eslováquia	Estados Unidos
	Indonésia	Estônia	Finlândia
	Irã	Hungria	França
	Kasaquistão	Jamaica	Grécia
	Macedônia	Jordânia	Holanda
	Marrocos	Letônia	Hong Kong, China
	Moldava	Líbano	Irlanda
	Nigéria	Lituânia	Israel
	Paquistão	Malásia	Itália
	Peru	Maurício	Japão
	Quênia	México	Noruega
	Romênia	Omã	Nova Zelândia
	Sri Lanka	Panamá	Reino Unido
	Ucrânia	Polônia	Singapura
	Venezuela	Portugal	Suécia
		Rep. Da África do Sul	Suiça
		Rep. Tcheca	
		Rússia	
		Tailândia	
		Trinidad e Tobago	
		Tunísia	
		Turquia	
		Uruguai	

Fonte: Elaboração própria.

Ribeiro *et al* (2006b) fizeram o mesmo procedimento para os dados de artigos científicos e de patentes (GRAF. 1), dados que formaram o índice TEC. Os autores identificaram também três grupos diferentes através da técnica super-paramagnética e, para os países analisados, os resultados foram idênticos: Índia no grupo um, mas na fronteira com o grupo dois; México, Brasil e Rep. da África do Sul no grupo dois; e Coréia do Sul no grupo três.

Deve-se ter certa cautela para os países que se encontram na fronteira de um grupo para o outro, porque dependendo da técnica de agrupamento usada eles podem mudar de grupo, por exemplo, a Grécia e a Esllovénia estão no grupo um, mas na fronteira com o grupo dois e o Portugal e a Hungria estão no grupo dois, mas na fronteira com o grupo um. Por outro lado, o país estar situado na fronteira de seu grupo indica que, apesar de estar mais próximo dos países do seu grupo, não apresenta rigorosamente o mesmo padrão de desenvolvimento do grupo que pertence. Cada país tem um processo de desenvolvimento socioeconômico específico, o agrupamento realizado é uma referência para indicar que os países podem ser agrupados a partir do seu nível desenvolvimento científico, tecnológico e financeiro, ou seja, apesar da heterogeneidade dos diferentes padrões de desenvolvimento dos países, é possível distinguir três grandes grupos diferentes com o desenvolvimento científico, tecnológico e financeiro relativamente próximo.

Além disso, o resultado do agrupamento não é estático, é apenas uma figura para o ano de 2003, os países podem se deslocar de um grupo para o outro, por exemplo, Ribeiro *et al.* (2006b, p.85-86) mostram que na dimensão científico-tecnológica (i.e. considerando artigos e patentes como no GRAF. 1) a Coréia do Sul fez um *catch-up*: em 1974 estava no grupo um e em 1998 estava no grupo três.

#### IV. CONCLUSÃO

Este artigo investigou as relações entre a dimensão monetário-financeira, a dimensão industrial-inovativa e o nível de renda. Na sumária resenha das elaborações de clássicos da economia sobre o tema foi sugerida a existência de um padrão de relacionamento e causalidade bi-direcional e mutuamente reforçante entre finanças e inovação. Essa é a hipótese básica deste artigo.

Como as atividades de inovação são, em geral, custosas, arriscadas e lucrativas, elas dependem – direta e/ou indiretamente - do apoio do sistema financeiro. Aperfeiçoamentos na dimensão monetário-financeira incitam a expansão da produção industrial e o desenvolvimento das atividades de inovação. O inverso também ocorre – a expansão da indústria e, portanto, das atividades de inovação, geram a expansão do e pressões sobre a dimensão monetário-financeira. Há efeitos recíprocos entre as duas dimensões.

Este artigo apresentou um exercício empírico comparando dados de patentes, artigos publicados, crédito bancário, capitalização de mercado e PIB em corte transversal para cada país no ano de 2003. A correlação entre as cinco variáveis é forte e positiva e, para melhor visualização, procurou-se colapsar dos dados de patentes e artigos e de crédito bancário e capitalização de mercado em dois índices distintos, TEC e FIN, representando a dimensão científico-tecnológica e a financeira, respectivamente. A visualização tridimensional entre o nível de renda e os dois índices (GRÁF. 6) indicou forte correlação entre ciência e tecnologia, sistema financeiro e a riqueza dos países.

No gráfico de dispersão TEC por FIN (GRAF. 3) é possível visualizar aglomerados de pontos, grupo de países, isto é, países com valores dos índices TEC e FIN próximos indicando um nível parecido de desenvolvimento financeiro, científico e tecnológico. Assim como Ribeiro *et al.* (2006b), usou-se a técnica super-paramagnética para identificar os grupos e foram encontrados três agrupamentos diferentes (GRAF. 7). A divisão dos grupos está na TAB. 5, percebe-se claramente que os países mais ricos e mais desenvolvidos (grande parte da Europa, o Japão, os Estados Unidos, a Coréia do Sul, a Austrália entre outros) estão no grupo três, o grupo dois inclui os Estados emergentes, em desenvolvimentos e outros que possuem algum desenvolvimento industrial, mas que não são plenamente desenvolvidos, e o grupo um é bastante heterogêneo incluindo países do mais variados tipos.

A existência de grupos e a correspondência de uma maneira geral com o seu nível de renda, corroboram com as evidências que países mais ricos possuem as dimensões monetário-financeiro e a industrial-inovativa mais desenvolvidas. Os diferentes padrões de desenvolvimento não são homogeneamente distribuídos, é possível visualizar um grupo mais a frente, outro intermediário e um menos desenvolvido nas três dimensões: financeira, científico-tecnológica e da renda.

Os grupos identificados representam uma fotografia do ano de 2003. A formação dos grupos não deve ser considerada estática, pois os pontos do GRAF. 3, e também do GRAF. 6, estão em constante movimento. Portanto, deve-se considerar o movimento simultâneo de todos os países.

A discussão teórica e as evidências empíricas desse estudo sugerem o sistema financeiro como parte do sistema nacional de inovação – ter desenvolvimento científico e tecnológico implica em ter um sistema financeiro desenvolvido e *vice-versa*. O desenvolvimento do sistema financeiro auxilia e, muitas vezes viabiliza, as atividades de inovação fazendo parte do arranjo institucional que compõe o sistema nacional de inovação além das instituições de ciência e tecnologia propriamente ditas como, por exemplo, as universidades e as instituições de pesquisa.

Vale destacar que as evidências empíricas corroboram de certa forma a hipótese formulada na seção I deste artigo sobre os efeitos recíprocos entre finanças e inovação, na medida em que riqueza, ciência e tecnologia e as variáveis monetário-financeiras são fortemente correlacionadas (GRAF. 6). Mas a forte correlação evidenciada não indica a causalidade nessas relações, tema para pesquisas futuras.

Coube ao exercício empírico desse estudo identificar diferentes grupos. A sua existência sugere um desenvolvimento desigual e não uniforme no âmbito financeiro, científico e tecnológico. Naturalmente, a agenda para pesquisa futura inclui discutir o porquê da existência dos grupos, como que eles se formaram e como a transição de um para o outro ocorre, como o caso da Coréia do Sul e Taiwan, analisados por Ribeiro *et al.* (2006b).

Outra pauta para a agenda de pesquisa é o aprimoramento dos índices. Provavelmente há maneiras melhores de se construir os índices, por exemplo, a transformação logarítmica altera a variância das variáveis. Mas a variância decrescente, visível no GRAF. 6 à medida que os pontos formam uma espécie de cone, corrobora com a idéia de que os países mais desenvolvidos estão realmente mais próximos entre si e que o grupo dos menos desenvolvidos é mais heterogêneo, pois a especificidade de cada país é notória.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, E. M. (2008) Causa e efeito: contribuições de Marx para investigações sobre finanças e inovação. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG (TD 326).
- ARESTIS, P.; DEMETRIADES, P. (1998) Finance and growth: is Schumpeter right? *Análise Econômica*, v. 16, n. 30, pp. 5-21.
- ARRIGHI, G. (1994) *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Contraponto/Unesp (1996).
- BODENHORN, H. (2000) *A history of banking in Antebellum America: financial markets and economic development in an Era of Nation-Building*. Cambridge: Cambridge University.
- BRAUDEL, F. (1986). *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, Vol 3: O tempo do mundo (1996).
- CAMERON, R. (1967) England, 1750-1844. In: CAMERON, R.; CRISP, O.; PATRICK, H.; TILLY, R. (eds) *Banking in the early stages of industrialization*. New York: Oxford University, pp. 15-59.
- CHANDLER JR., A. (1977). *The Visible Hand - The Managerial Revolution in America Business*. London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- CHESNAIS, F. (org.) (2004) *La finance mondialisée: racines sociales et politiques, configuration, conséquences*. Paris: Éditions La Découverte.
- CHRISTENSEN, J. L. The role of finance in national systems of innovation. In: LUNDVALL, B-A (ed.). *National systems of innovation: towards a theory of innovation and interactive learning*. London: Pinter, p. 146-168, 1992.
- GEISST, C. R. (2004) *Wall Street: a history*. Oxford: Oxford University Press.
- GOODCARE, A. & TONKS, I. Finance and Technological Change. In: STONEMAN, P.(ed.), *Handbook of the Economics of Innovation an Technological Change*. Cambrige (Mass): Basil Blackwell, 1996.
- HERSKOVIC, B. (2007) *Efeitos recíprocos entre crédito e inovação*. Belo Horizonte: FACE-UFMG (Monografia de conclusão de curso).
- HILFERDING, R.(1910). *Finance capital: a study of the latest phase of capitalist development*. London, Boston, Melbourne and Henley: Routledge & Kegan Paul 1981.
- KING, R.; LEVINE, R. (1993) Finance and growth: Schumpeter might be right. *Quaterly Journal of Economics*, CVIII, pp. 717-737.
- LEVINE, R. (1997) Financial development and economic growth: views and agenda. *Journal of Economic Literature*, v. XXXV, pp. 688-726.
- LEVINE, R.; ZERVOS, S. (1998) Stock markets, banks, and economic growth. *American Economic Review*, v. 88, n. 3, pp.537-558.
- MARX, Karl (1867). *Capital: a critique of political economy*. Volume I. London: Penguin, 1976.

- MARX, Karl (1894). *Capital: a critique of political economy*. Volume III. London: Penguin, 1981.
- MINSKY, H. P. (1986) *Stabilizing an unstable economy*. New Haven: Yale University Press.
- MOED, H.; GLÄNZEL, W.; SCHMOCH, U. (eds) (2004) *Handbook of quantitative science and technology research: the use of publication and patent statistics in studies of S&T systems*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- O'SULLIVAN, M. (2004) Finance and innovation. In: FAGERBERG, J.; MOWERY, D.; NELSON, R. *Oxford handbook on innovation*. Oxford: Oxford.
- PAULA, J. A.; CERQUEIRA, H. E.; ALBUQUERQUE, E. (2001) Finance and industrial evolution: introductory notes on a key relationship for the capitalist accumulation. *Economica*, v. 3, n. 1. pp. 5-34.
- PEREZ, C. (2002) *Technological revolutions and financial capital*. Cheltenhm: Edward Elgar.
- RIBEIRO, L. C. (2007) *Sistemas complexos: estudo de problemas em economia e imunologia*. Tese (Doutorado em Física) – Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RIBEIRO, L. C.; RUIZ, R. M.; ALBUQUERQUE, E. M.; BERNARDES, A. T. (2006a). National systems of innovation and technological differentiation: a multi-country model. *International Journal of Modern Physics C*, v. 17, n. 2, pp. 247-257.
- RIBEIRO, L. C.; RUIZ, R. M.; BERNARDES, A. T.; ALBUQUERQUE, E. M. (2006b). Science in the developing world: running twice as fast? *Computing in Science and Engineering*, v. 8, pp. 81-87, July.
- ROSENBERG, N.; BIRDZELL JR, L. E. (1986) *How the West grew rich: the economic transformation of the industrial world*. New York: Basic Books.
- SCHUMPETER, J. (1911) *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural (1985).
- SMITH, A. (1776) *The Wealth of Nations* (vol. 1). London: Penguin Books (1999).
- STEUART, J. (1767) *An Inquiry into the Principles of Political Economy*. Londres (<http://www.efm.bris.ac.uk/het/steuart/prin.htm>).
- SYLLA, R. (1982) Monetary innovation in América. *Journal of Economic History*, v. XLII, n. 1; pp. 21-30.
- SYLLA, R. (1999) Shaping the US financial system, 1690-1913: the dominat role of public finance. In: SYLLA, R.; TILLY, R.; TORTELLA, G. (editors) *The state, the financial system, and economic modernization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- UNITED STATES PATENTS AND TRADEMARK OFFICE. (2005) *Patent full-text and full-page image databases*. Washington. Disponível em: <<http://www.uspto.gov>>. Acesso em: 13 june. 2007.
- WORLD BANK. (2005) *World Development Indicators*. Washington, 2005. CD-ROM.